

REALISMO E FICCIONALIDADE NA LITERATURA REGIONALISTA BRASILEIRA

JESUS, Carlos Roberto de
carlosroberto_poeta@ig.com.br
SAN, Josuel Huang Pak
josuelsan@ig.com.br

NUNES, Antônia Maria
nianenes@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação entre ficção e realidade nas obras: *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto, *Família de Retirantes*, de Cândido Portinari. Esses ficcionistas brasileiros escreveram narrativas que expõem, mais de perto, com mais realismo, o drama vivido pelos retirantes nordestinos: a marginalização, o descaso e o abandono. Além dessas obras, para fazer um paralelo entre a ficção e a realidade, o livro-reportagem *Retirantes na Apartação*, de Flávio Paiva que relata o drama real, vivido por Neto e seus familiares.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção, realidade, obras, ficcionistas nordestinos.

1 INTRODUÇÃO

A idéia básica deste artigo formou-se a partir do interesse em aprofundar o conhecimento a respeito das obras dos grandes ficcionistas nordestinos que, comprometidos e preocupados com a problemática social, econômica e política da região, escreveram narrativas que expõem mais de perto, com mais realismo a problemática social vivida pelos retirantes.

Dessa forma, um dos enfoques deste trabalho está voltado para geração de 1930 que enfatizou, em suas obras, as questões sociais na busca de mudanças das estruturas ou amadurecimento da mentalidade humana com as conquistas da geração de 1922. Esse período, caracterizado pela exploração de temas, é fruto do pensamento do homem da geração de trinta em virtude das transformações vivenciadas pelo país com a revolução da era Vargas, a queda da bolsa de valores de Nova Iorque e a crise cafeeira.

Nessa busca incessante do homem brasileiro, o regionalismo ganha importância até, então, não alcançada na literatura brasileira. Nessa perspectiva, autores como Raquel de Queiroz, José Américo e Graciliano Ramos revelam em suas obras o drama da seca e dos retirantes, da ignorância política, da miséria, da opressão nas relações de trabalho, das forças da natureza sobre o homem.

Assim, pretende-se fazer análise em alguns romances que abordam a temática relacionada aos movimentos migratórios dos nordestinos, bem como as causas que contribuem para que ocorra tal movimento e a problemática relacionada à exploração, nas capitais, a que são submetidos os retirantes pela classe dominante. Nessa perspectiva, foram selecionados, como fontes de pesquisa, os romances: “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, o quadro de Cândido Portinari “família de retirantes”, a obra “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto, Além do livro-reportagem

“Retirantes na Apartação” de Flávio Paiva que relata o processo migratório de Neto e seus familiares.

Essa pesquisa analisa as possíveis relações existentes entre as obras ficcionais citadas e a degradação da miséria industrial urbana que sofrem os retirantes nordestinos; discute o vexatório êxodo de camponeses que, fugindo da fome, transformam-se em estrangeiros dentro do seu próprio país. Além de comparar a trajetória das personagens ficcionais com situações semelhantes e reais de pessoas que vivenciaram o drama do êxodo rural.

A forma como a literatura aborda o tema dos retirantes é o princípio principal que norteia este trabalho. Assim, a análise das obras estão relacionadas à forma de como Graciliano Ramos, em “Vidas Secas”, retrata a questão da migração nordestina, do abandono e do descaso em que se encontra o povo sertanejo. Além disso, através de um paralelo entre “Vidas Secas” e o livro-reportagem de Paiva Neto, “Retirantes na Apartação”, mostrar a proximidade entre a ficção e a realidade.

Quanto à obtenção de informação, o levantamento de dados para essa pesquisa foi feito por meio da pesquisa bibliográfica que é um procedimento sistemático, crítico, no qual se podem descobrir novos episódios e ampliar ainda mais o conhecimento. Dessa forma, foram observados e considerados, através da leitura, os trechos importantes de “Vidas Secas” com os registros de Flávio Paiva sobre a saga de Neto e seus familiares.

2 A PROBLEMÁTICA DOS RETIRANTES NO CONTEXTO FICÇIONAL BRASILEIRO

Estudar o Regionalismo é tentar entender a integração entre o homem, sua terra, sua gente. É a congregação dos elementos da vida, dos valores, da dignidade da cultura

nordestina. Eis, então, a preocupação de muitos autores; uns, de certa maneira, menos cautelosos a se desvincularam dos problemas sociais, outros, numa perspectiva mais ampla e social, registra o perfil do sertanejo bem como seu flagelo, declínio, sua saga, o processo migratório de forma realista e detalhada. De acordo com Cândido (1993, p.101), “quanto à matéria, o romance brasileiro nasceu regionalista e de costume; ou melhor, pendeu desde cedo para descrição dos tipos humanos e formas de vida social nas cidades e nos campos”.

Assim, nos romances coloniais de José de Alencar e da poesia indianista de Gonçalves Dias, percebe-se uma literatura que nasce a partir da aspiração de fundar em um passado mítico a nobreza recente do país, pondo o regional acima do nacional. Já nos romances regionalistas realistas de Jorge Amado, Graciliano Ramos e outros, notam-se a descrição de sua terra e de sua gente não como exaltação, mas como tentativa de compreender o momento presente, as desigualdades, a formação da elite. Essa é a grande diferença, entre o regionalismo visto pelos românticos e o regionalismo ressaltado pelo realismo: No primeiro, havia um sentimento de idealização, de caráter otimista, de exotismo; o segundo passa a explorar o humano nas suas correlações com o meio, a linguagem, a paisagem e a cultura de uma determinada região.

Partindo desse panorama, os estudos da terra, dos costumes, da cultura do sertanejo têm seus primeiros registros com os escritores do Romantismo, a partir de 1844, nas obras *O Gaúcho*, *O tronco do ipê*, *O Sertanejo*, *o Seminarista*, *Inocência*. Embora a ficção dos séculos anteriores tenha feito tentativas, ela foi sem respaldo. Mas, no período do romantismo, escritores como José de Alencar, Franklin Távora, Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay trabalharam essas obras dentro de um contexto Regionalista, Histórico, Indianista sempre voltados para os registros, as origens, a investigação e interpretação da realidade brasileira. De acordo com Cândido, os

romances regionalista eram, de certa forma, um maneira de conhecer o espaço, a terra, a língua, o país.

Por isso mesmo, o nosso romance tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar todo o país. Talvez o seu legado consista menos em tipos, personagens e peripécias do que em certas regiões tornadas literárias, a seqüência narrativa inserido-se no ambiente, quase se escravizando a ele. Assim, o que se vai formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social (idem, ibidem).

Com o advento de A Semana de Arte de 22, que viria pôr o Brasil em dia com a modernidade, o regionalismo volta a ser destaque nos manifestos pelos que pretendiam propor um trabalho em favor dos interesses da região. Para os adeptos do Manifesto Verde-amarelo, a tradição regionalista está ameaçada pelas influências estrangeiras, por isso, é preciso uma política voltada em defesa do nacionalismo. Os filiados ao Manifesto Regionalista do Nordeste manifestam-se contra a nova realidade pós-guerra defendendo a idéia de brasilidade ameaçada. Segundo Velloso:

(...) a valorização do regionalismo coloca-se como imprescindível porque possibilita “delimitar fronteiras, ambiente e língua local”. E mais: só o regionalismo é capaz de dar sentido real no tempo e no espaço, já que o ritmo da terra é local. Assim, o brasileiro não deve acompanhar o ritmo da vida universal, pois este é abstrato, genérico e exterior. (1993, p. 09).

Nessa perspectiva, a literatura regionalista foca a atenção no migrante, vinculando, no mais das vezes, a migração à seca; explicando a migração como um acontecimento trágico, circunstanciado no tempo e geograficamente determinado. Como se os migrantes fossem grandes vítimas, produtos de uma condição ambiental. Uma produção intelectual que destituía os migrantes da condição social de sujeitos, transferindo-a para a seca.

A chamada fase “heróica”, que correspondeu de A Semana de Arte de 1922 a 1930, foi uma década marcada pela inovação de uma literatura experimental ainda sob os gritos das idéias trazidas da Europa; ímpeto renovador e destruidor. Assim, o triunfo das Vanguardas contribuiu para a construção da modernidade artística. Esse período,

marcado pela reconstituição da vida paulistana, abria caminho para um aprofundamento de caráter nacional. Trouxe também personagens que ficaram na história cultural de nosso povo. Macunaíma, por exemplo, o “herói sem nenhum caráter”, de Mário de Andrade, é um representante de todas as épocas e espaços brasileiros sem fronteira. Reconstroí o regionalismo à medida que registra os mitos folclóricos e populares do Brasil. É a “pesquisa mais séria que o modernismo fez, em nossa ficção, de caráter nacional” (CADORE, 1994, p. 375 apud Antonio Candido).

O Modernismo brasileiro, em sua primeira fase, começou pelo combate às características tradicionais e conservadoras, embora ainda sob os ecos das vaias e gritarias da Semana de Arte, o mais radical movimento modernista (1922 a 1930) foi justamente pela necessidade de definição e do rompimento com todas as estruturas do passado, daí seu forte sentido de destruição. O artista não se guia mais por outras leis que não seja sua própria interioridade, seu próprio arbítrio. Em suma, todas as fórmulas prontas foram abolidas e a nova postura com incorporação do cotidiano, linguagem coloquial, inovação técnica, verso livre, enumeração caótica, fluxo da consciência, ambigüidade, paródia, colagem e montagem cinematográfica, faziam parte das vertentes do nacionalismo crítico, da denúncia da realidade brasileira mais adiante (num segundo momento do Modernismo).

Durante o período que corresponde de 1930 a 1945, o romance Regionalista volta à tona numa visão mais ampla de retrato da realidade brasileira. Nessa segunda fase, registram-se nomes de grandes escritores como Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, ficcionistas que optaram por uma prosa mais psicológica e outros por uma mais intimista e, ao mesmo tempo, mesclada. Esses regionalistas empenhados numa visão mais sociológica da

realidade, produzem uma literatura mais voltada aos problemas sociais, numa espécie de amadurecimento do Modernismo.

(...) A segunda fase do Modernismo começa, pois, com essa ampla abertura, quando tudo se discute e tudo se questiona. Se a primeira fase colocará a tônica na forma, a segunda a colocará no conteúdo. (...) E a preocupação com a realidade brasileira pressionará no sentido desse abandono, desse desleixo, dessa impreparação formal que desqualificada, realmente, tanta contribuições da época. Porque é, sem dúvida, uma época fecunda, rica em manifestações que se espraiam em campo variado, atingindo áreas novas, rasgando horizonte, abrindo clareiras.

A literatura brasileira assiste, então, à substituição de trabalho destruidor pelo trabalho construtivo, a piada virulenta cede lugar à seriedade nas discussões, surgem preocupações novas, de toda ordem: de um lado, no sentido do avanço no nível político, social e econômico; de outro lado, na atenção pelos problemas religiosos e filosóficos. (SODRÉ, 1995, p.545).

Assim, com a literatura regionalista de 30 surge uma literatura preocupada em mostrar as questões sociais como um quadro agudo de profundo pessimismo e miséria que assola o Nordeste. Traz também em sua narrativa traços característicos da vida dura do sertanejo, a descrição violência da terra, da seca, do engenho em decadência e do homem assustado, transcende o espanto do sertanejo diante do abandono da classe social dominante, os detentores do poder e o clima desastroso de abandono de sua terra improdutiva.

Em relação à ascensão social do sertanejo, a falta de oportunidade, a desigualdade social, os torna frágeis, possibilitando a exploração destes pelos latifundiários. Como Coutinho(1997: p. 4004), esta realidade ainda é bastante presente nos dias atuais. Diversas matérias são destaques nos noticiários reportando o trabalho escravo como uma prática comum, principalmente, no Norte e Nordeste.

O tema da injustiça social, submissão pela força é explorado ora no entrechoque Fabiano-Saldado amarelo, ora Fabiano-Latifundiário. A exploração do homem do campo é apontada nas cenas da ignorância simples do sertanejo constantemente confundido por “juros e prazos” ou impostos a pagar (COUTINHO, 1997, p.404).

Ao que se percebe da clara descrição do cenário árido, assolado pela miséria e personagens distantes de tudo e de todos, a luta contra as adversidade da região onde se

passa o enredo da obra *Vidas Secas* é desigual, desumana e não permite outra alternativa, a não ser abandonar tudo, sua vida e sua terra e saltar fora desse sertão, causando um processo migratório, que para uns é uma maneira de denunciar o social, mas para outros esconde os valores estéticos. Segundo SODRÉ (1995, p.550), “é a descrição de flagelo que se repete feita por alguém que vê apenas o lado exterior das coisas. Essa preocupação com o visual – quando o visível geralmente esconde a realidade - vai se generalizar no romance nordestino”. Os críticos, os leitores ligados à problemática externa da obra, ou seja, a seca; às vezes, esquecem a beleza interna dela como, por exemplo, a formatação de capítulos ligando o ponto de chegada e de saída.

2 REALIDADE E FICÇÃO NA SAGA NORDESTINA

Estudar a questão da seca é estudar a narrativa do mundo rural, a problemática dos retirantes dentro de um quadro de questões sociais e ideológicas. Eis, então, a preocupação de autores regionalista em estudar, à opressão, à força da natureza sobre o homem e o descaso das políticas públicas com o tema abordado. Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, autores esses regionalistas destacados na década de 30, abriram espaço para investigar as questões que influenciam no processo de migração do sertanejo em direção às áreas mais desenvolvidas.

No tocante à comparação entre a obra “*Vidas Secas*”, 2001, e a tela do quadro do pintor brasileiro Cândido Portinari, “família de retirantes”, de 1944, percebe-se também uma postura de engajamento e denúncia social. A miséria da camada rural, dessa vez, é exposta como uma concepção artística, uma fotografia, uma nova revolução na forma de o pintor ver o mundo. Os horrores da segunda guerra são o fio condutor para reforçar o compromisso do pintor com a temática social. Assim,

desse comprometimento com a problemática do nordestino, pode-se concluir que a comparação da obra Vidas Secas com o quadro de Portinari, embora esse pintado uma década depois, mesmo assim parece ser o cartaz, a sinopse, do enredo de Vidas Secas. A linguagem seca contida no livro se assemelha à falta de comunicação exposta nos rostos assustados, anêmicos e quase sem vida presente na pintura. Ainda em relação à pintura, a formação da paisagem rústica, os retirantes inseridos nela são os miseráveis nordestinos assolados pela seca, dentro de um quadro que se projeta de forma convergente aos dias atuais.

Dentro dessa saga, a luta pela sobrevivência, o retrato da saída de uma família de sertanejos, de sua propriedade, em busca de melhorias nas grandes cidades, se tornou renitente. A saída dos retirantes também é percebida na obra Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto. Este autor pernambucano, que teve nítida influência de Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, se consolidou pela objetividade, a metalinguagem, a constatação da realidade presente em suas obras. Assim, dentro desse eixo temático, da estética trabalhada pelo autor, o Nordeste, com sua gente, passa a ser personificado em sua obra.

A partir da década de 50, há um aprofundamento na temática social, daí o poema dramático, Morte e Vida Severina. Nele o autor emprega uma linguagem concisa, mas que coloca também a trajetória dos migrantes nordestinos dentro de um contexto social e real. Essa obra de engajamento, nos faz retroceder à realidade da população brasileira. Severino explica quem é e para que veio ao mundo. Tem durante sua trajetória uma semelhança em relação aos demais irmãos; pobreza, sofrimento como parte da VIDA que se opõe à MORTE. A desilusão, os valores

negativos dentro do contexto social, denunciam a dor e o abandono das famílias dos desvalidos.

A começar pelo nome, Severino é um ser comum. Lembra-nos Servo, servir. Um simples sertanejo que, embora assustado, vai logo se apresentando. Isso é típico dos foragidos do flagelo para comover as pessoas. Com o jogo de palavras utilizado por Severino, “cabeça grande e de pouca tinta”, vem à mente a imagem anêmica, as pernas tortas de Fabiano em *Vidas Secas*. E se são “ muitos Severinos / iguais em tudo na vida”, são inconformados, podem morrer velhos ou novos com a fisionomia acabada como a de um trabalhador rural, envelhecido pelo tempo. Pode-se morrer até antes de nascer, de fome, de doença. E como Severino é mais uma figura, mais um sertanejo, comparado aos de *Vidas Secas* e aos de os Retirantes na *Apartação*, cuja luta e a busca da estabilidade é constante, ele reafirma sua trajetória nômade, “ minha vida, passa a ser o Severino que em Vossa presença emigra”.

Em *Vidas Secas*, a ação centraliza-se toda nas personagens que povoam a obra. São personagens estudadas isoladamente, na obra, desde o ponto de chegada ao de saída. O conflito, existente nela, é resultado da oposição entre o homem versus meio natural. E desta maneira, Fabiano passa a ser um indivíduo instável com o meio onde vive. Torna-se um personagem comum desse universo, porque o valor essencial de sua dignidade tem sido negado, bem como o de muita gente.

Essa temática também foi abordada por Flávio Paiva. Este nasceu em 1959, no município de Independência, sertão dos Inhamuns, no Estado do Ceará. Jornalista graduado desde 1985 pela Universidade Federal do Ceará foi repórter, redator e editor-adjunto do jornal “O Povo”. Ganhou várias premiações com atividades ligadas às áreas de jornalismo, literatura e música. E é com ele que o Ceará ganha destaque na diáspora nordestina. Revela também o drama, o sonho e a realidade do povo nômade do Ceará.

Graças a aguçada sensibilidade e tino desse jornalista-escritor, consegue transmitir aos seus leitores, com intensa emoção, a odisséia de Neto e seus familiares.

Assim, com muita autenticidade, retrata, no seu livro-reportagem “Retirantes na Apartação”, o drama do retirante que, apesar de amar sua terra, querem fugir da maldição de ser marginalizado.

Segundo Paiva, *Retirantes na Apartação* “nasceu a partir de uma reportagem intitulada *A Odisséia dos Cabeças-Chatas* que fiz [...], para o jornal *O Povo*, de Fortaleza, em 1987” (1995, p. 2). Essa obra é um registro de todo processo migratório de Neto e seus familiares. Nos cinco capítulos, bem como no epílogo, a figura de Neto é sempre posta no centro da ação, fazendo com que fatos e pessoas sejam constantemente citados em função dele.

Baseado no mencionado, estabelecer uma relação entre a obra “*Vidas Secas*” e “*Retirantes na Apartação*” do jornalista Flávio Paiva, é fazer um paralelo entre a ficção e a realidade. São relatos reais vivenciados por Neto e sua família os quais se relacionam com as atitudes ficcionais de Fabiano e sua família. Assim, é como se a estória da obra *Vidas Secas* fosse encenada e ganhasse vida nas mãos, na descrição detalhada, minuciosa de Paiva quando trabalha todo o processo migratório da família de Neto, personagem principal da obra. Dessa maneira, torno a repetir, com palavras de Paiva, “é a vida imitando a ficção”.

Ao ler “*Retirantes na apartação*”, percebe-se com nitidez uma continuidade do flagelo iniciado em *Vidas Secas* com Graciliano Ramos, na década de 30. Paiva vai além, e registra em seu livro-reportagem a crua realidade desta gente nômade e todo processo migratório da família de cearense em busca de melhorias no Sudeste. Diferente de Ramos que, engloba Fabiano e sua família numa ficção brasileira, universalizando dentro de um contexto miserável, Paiva descreve passo-a-passo o drama da família de Neto não como uma ficção, mas como uma realidade transcendente aos olhos de um jornalista.

No contexto ficcional, Graciliano arrasta, em *Vidas Secas*, a família de nordestino em profunda peregrinação silenciosa. São quatro pessoas e dois animais; Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo, a cachorra Baleia e o papagaio os quais acompanham também o grupo de humanos. São personagens que retratam fielmente a realidade brasileira. Outros quando não são humanos, ganham vida por meio da prosopopéia, a exemplo da cachorra Baleia tida como gente na obra. E assim por meio de uma linguagem seca, do discurso indireto, a família de peregrino percorre os treze capítulos, descrevendo a fuga, as injustiças sociais, a miséria, a fome e a seca.

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá benzia-se tremendo, manjava o rosário, mexia os beijos rezando rezas desesperadas...mas quando a fazenda se despovoou, viu, que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido (RAMOS, 2001, p. 116).

Por outro lado, dentro de um contexto real, a família Cearense de retirantes estudado por Paiva, cansada da exploração dos latifundiários, decepcionado com os Planos de Emergência do governo, migra para São Paulo em busca de melhorias. Esse êxodo se assemelha a retirada dos personagens de *Vidas Secas*. São oito os retirantes desta obra: Vicente de Melo, o Neto, com 25 anos; Zulene, a esposa, com 22; a filha Aline com 1 ano e sete meses; o primo Francisco, 19; Aparecida cunhada; 19, Carine, 2, Crisla; 7, filhos de Neto e sua mãe, Francisca .

Quando a realidade aperta, em um cerco de falta de opções concretas, normalmente a saída é a ilusão mais próxima, nem que seja algo distante e incerto. Neto não teve dúvida. Pediu a alguém que escrevesse para seu cunhado em São Paulo solicitando um abrigo na Capital paulista e a resposta foi positiva. Juntou o dinheiro que recebeu da Emergência, vendeu os capotes, galinhas e o pouco legumes que colheu... conseguiu completar os 10.400 cruzados necessários para a aquisição das passagens das sete pessoas de sua família que embarcaram com ele para São Paulo (PAIVA, 1995, p.13/14).

A cada descrição observada, o autor se relaciona com traços semelhantes aos dos excluídos de *Vidas Secas*. No prefácio do livro, sobre a condição sub-humana dos retirantes, Cristovão Buarque escreveu, “a descrição do apodrecimento dos restos de comida, jogados no piso, sai da fome rural de *Vidas Secas*, de Graciliano, e mostra a degradação da miséria industrial urbana. O leitor sente que a miséria está dentro de um bolsão, não importa onde vá, nem quantos milhares de quilômetros ela viaje”. Assim, Paiva vai descrevendo, nas veredas das incertezas, durante toda a viagem, o sonho e ilusão dessa família em direção à favela em Diadema.

Embora os centros urbanos disponham de melhores condições para trabalho ou acolhimento dessas pessoas, as cidades tratam o migrante como marginal. O confronto com a realidade é, a todo instante, chocante. O inchaço urbano, às vezes, obriga o nordestino recém-chegado a se aderir a essa realidade e a se espalharem pela periferia das cidades, ficando realmente à margem da sociedade. Diante do mencionado, a busca de trabalho acaba sendo uma decepção nos grandes centros urbanos. Os retirantes recém-chegados são, então, obrigados a voltar para sua terra de origem.

São Paulo é uma multiprocessador de nordestinos excluídos. É lá onde os retirantes têm triturados seus nervos, seus corpos quase sempre esqueléticos e seus sonhos, ao longo de muitas décadas. Mas ainda é lá que essas pessoas rudes do Brasil-de-baixo conseguem testar a sensação de que, bem ou mal, geralmente péssimas, existem outras relações de trabalho além do modelo colonial, beneficiárias desse sistema degradante. A possibilidade de novos referenciais provoca a intensidade da busca, da recusa, da imposição. Neste aspecto, Neto gravita entre dois pólos de sentimento que o tornam vulnerável e oscilante entre saudade e esperança. “A gente vai pra São Paulo e tem vontade de voltar pro lugar onde nasceu e foi criado. (PAIVA,1995. p.57).

Diante do que foi exposto, desiludida ao chegar ao Sul, a família de Neto retorna ao Ceará, local de origem para tentar reconstruir sua vida, pois ao longo da história colonial nordestina, o sol sempre foi apresentado como o grande vilão que condenou milhares de famílias à miséria e ao êxodo sertanejo para os grandes

centros urbanos. Segundo Paiva (1995, p.04), entretanto, se houvesse programas políticos competentes, o sol seria aproveitado como fonte de energia, na produção de fruticultura tropical e na indústria do turismo como tem sido feito recentemente, o que evitaria o êxodo desse povo. O Autor também acredita que o problema da falta de água no Nordeste brasileiro, além de ser proveniente da incompetência dos que manejam a máquina governamental e os desvios dos recursos públicos, perpetua os bens daqueles que dela se nutrem.

No Estado do Ceará, apesar de 93% de território inserido no semi-árido, o índice médio anual de chuvas é de 755mm, superior em 105mm ao da Europa. Essa ausência perversa de gestão da água acontece em toda a região nordestina, onde chove duas vezes mais do que em Israel e quatro vezes mais do que no Estado norte-americano do Texas. Só que nesses lugares não se registra miséria causada por estiagem (idem, ibidem).

As políticas públicas pouco têm se sensibilizado com o problema exposto. A miséria cotidiana do sertanejo ainda é tratada com descaso e demagogia. Os Programas de combate às secas são limitados e sem grandes Projetos que beneficie o homem do campo. Esse fato, o obriga a continuar sua vida nômade, jornada instável com o meio onde vive.

3 CONCLUSÃO

Percebe-se a partir da análise feita nas obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, no auto de natal *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, o Quadro *Famílias de Retirantes*, de Cândido Portinari, livro-reportagem *Retirantes na Apartação*, de Flávio Paiva uma Literatura Brasileira de caráter social e de um realismo regionalista. Assim, esses autores, através de suas obras, retrataram a vida de pessoas que vivem no sertão nordestino e o sacrifício delas para sobreviver, o descaso e o

abandono que são submetidos os retirantes nordestinos e como estes são colocados à margem da sociedade.

Nessa perspectiva, no capítulo dois de *Vidas Secas*, Graciliano Ramos, ao caracterizar Fabiano por meio de um comportamento rústico e um vocabulário reduzido (mais grunhindo do que falando), e pela afinidade que tem com os animais, assemelha-o a um bicho, ou seja, isolado da convivência dos homens, um ser marginalizado. Além disso, ao manter os capítulos de *Vidas Secas* numa estrutura descontínua, não linear, reafirma o isolamento, a instabilidade da família de retirantes.

Mesmo com essa estrutura descontínua, há uma proximidade entre o primeiro capítulo: Mudança – a chegada de uma família de retirantes - e o último: Fuga – a mudança da família que, diante da seca, foge para o sul. Esse caráter mostra que o romance é cíclico, onde o mundo se fecha para a família de Fabiano, saindo de uma mera classificação regionalista para mostrar o drama que o homem sofre com a opressão do mundo.

No capítulo 10 de *Vidas Secas*, percebe-se a opressão sofrida pelo retirante. Ao ser enganado no acerto de conta, o patrão não lhe dá o direito de reclamar, tendo que aceitar, de forma passiva, aquela situação. Nesse aspecto, Graciliano revela uma predestinação: nascera com esse destino, ninguém era culpado por nascer com destino assim. Portanto, por mais quilômetros que viaje, eles continuam no mesmo território da pobreza, da exclusão.

No livro-reportagem de Flávio Paiva, *Retirantes na Apartação*, nota-se a proximidade da Literatura e a realidade. Paiva mostra que os retirantes perderam a possibilidade de escapar da miséria. Pois, o retirante se afasta de sua terra, vai e volta a ela, sem sair da miséria de onde queria fugir. O personagem Neto, da literatura nordestina da vida real, faz sua odisséia no Brasil da apartação: onde a miséria está por

todas as partes; uma migração sem esperança. Porque a linha de separação entre ricos e pobres deixou de ser uma fronteira geográfica, consolidou-se como fronteira social; transformou-se em uma separação entre incluídos e excluídos.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: Era Moderna**. 4ª ed. São Paulo: Global, 1997.

CADORE, Luís Agostinho. **Curso Prático de Português, Literatura, Gramática, Redação**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira 2**. 2ª ed. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Itatiaia Limitada, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **A Brasilidade Verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, jan.1993. Disponível em <<http://www.google.com.br>>. Acesso em: 01 de jun. 2006.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 81ª ed. São Paulo: Record, 2001.

PAIVA, Flávio. **Retirantes na Apartação**. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 1995.